

meSalva!



LITERATURA CONTEMPORÂNEA



MESOPOTÂMIA
ASPECTOS CULTURAIS

AFIXOS

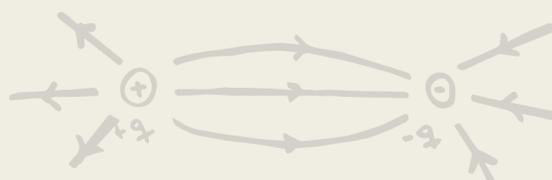
CONTROLADO

MENTE

SUFIXO

QUAL DE
REGIÃO

CAFETERIA



MÓDULOS CONTEMPLADOS

- ✓ ALWA - Distraídos Venceremos - Ana C., Leminski, Wally Salomão
- ✓ CNTS - Narrando Brevemente I - Contos
- ✓ CCRA - Narrando Brevemente II - Contos e Crônicas
- ✓ MFHA - Poesia Fora da Asa - Manuel de Barros, Ferreira Gullar, Hilda Hilst
- ✓ RCON - Narrando Longamente - Romance contemporâneo



meSalva!



CURSO

EXTENSIVO 2017

DISCIPLINA

LITERATURA

CAPÍTULO

POESIA CONTEMPORÂNEA

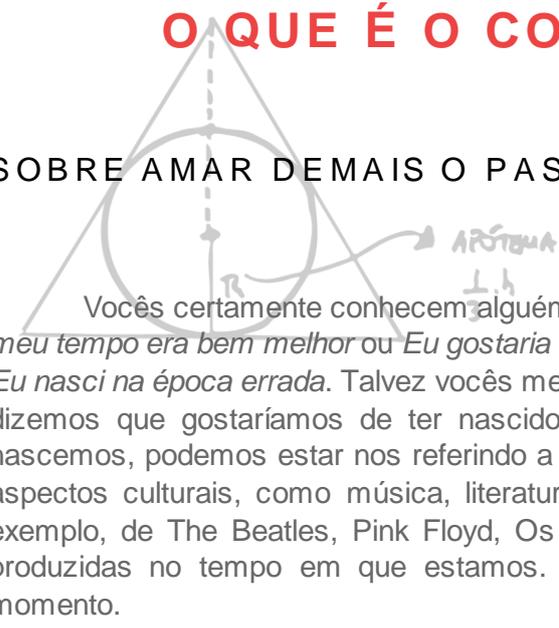
PROFESSORES

TIAGO MARTINS DE MORAIS



O QUE É O CONTEMPORÂNEO?

SOBRE AMAR DEMAIS O PASSADO



Vocês certamente conhecem alguém que adora usar as já clássicas frases: *No meu tempo era bem melhor* ou *Eu gostaria de ter nascido nos anos de 1960*, ou, ainda, *Eu nasci na época errada*. Talvez vocês mesmos já tenham dito essas frases. Quando dizemos que gostaríamos de ter nascido em uma época anterior àquela na qual nascemos, podemos estar nos referindo a valores que já não nos acompanham ou a aspectos culturais, como música, literatura e cinema. Talvez gostemos muito, por exemplo, de The Beatles, Pink Floyd, Os Mutantes, etc., e não tanto das músicas produzidas no tempo em que estamos. Daí a vontade de ter nascido em outro momento.

No entanto, já pararam para pensar que, caso vocês fossem contemporâneos das bandas de que tanto gostam, talvez, não gostassem delas? É claro que vocês poderiam gostar e é claro que podem gostar de muitas bandas, cantores/cantoras, escritores/escritoras atuais, mas essa introdução cheia de perguntas e pulgas tem um motivo: questionar uma ideia que pode ser bem comum quando falamos de música, literatura, cinema e artes. A ideia de que um livro, filme ou música tem valor superior unicamente por pertencer a uma época passada.

Essa ideia fazia com que, nos meus tempos de escola e nos meus tempos de faculdade, os professores de literatura nunca, ou quase nunca, discutissem ou apresentassem autores contemporâneos.

É claro que obras clássicas podem ser deliciosas! Talvez, por isso, sejam clássicas, porque venceram, como se diz, ao “teste do tempo” e, mesmo séculos depois de terem sido escritas, continuam nos dizendo alguma coisa. Aposto que se vocês lerem *Frankenstein*, de Mary Shelley, romance publicado em 1818, vão se apaixonar. Aposto, também, que farão incríveis relações entre este romance do século XIX(!!!) e a nossa sociedade do século XXI, nesse particular momento histórico em que o preconceito ao diferente da “norma” parece estar, mais uma vez, em voga.

Os clássicos são muito legais, mas as obras contemporâneas também são geniais!

Imaginem o seguinte: Vivemos em meio a diversas redes sociais, certo? Essas redes sociais têm muitos aspectos positivos, mas, também, vocês talvez já tenham percebido que o uso que fazemos delas, como sociedade, apresenta lados negativos. Agora, imaginem ler um romance no qual o autor crie uma sociedade em que a privacidade é praticamente um crime, pois todos são quase que obrigados a compartilhar tudo o que experienciam nas redes? Esse romance existe! Chama-se *O Círculo*, do escritor estadunidense Dave Eggers; foi publicado em 2013 e é uma incrível

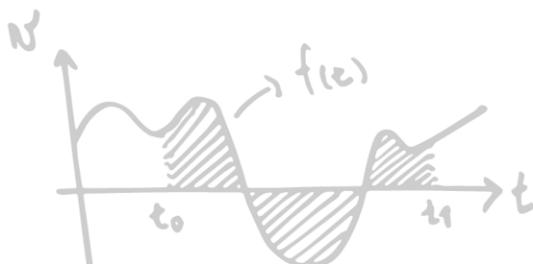
reflexão, em forma de romance, sobre a era da internet. É o que chamamos, em literatura, de uma distopia, ou seja, é um romance que constrói uma sociedade futura bastante sombria e, geralmente, pouco democrática. As distopias clássicas do século XX são *1984* de George Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury.

O CLÁSSICO E O CONTEMPORÂNEO

É importante brincarmos com o significado das palavras. E, a partir dessa brincadeira, podemos dizer que “contemporâneo” é aquilo que decidimos que é contemporâneo! Eu, como leitor, posso ler, vamos repetir o exemplo, *Frankenstein* e me sentir completamente contemporâneo desse texto do século XIX por perceber que o romance ainda faz sentido hoje. Então, pronto, Mary Shelley passa a ser minha contemporânea, mesmo que tenha vivido há dois séculos.

No entanto, o legal de lermos Literatura produzida num tempo bem próximo ao que nós vivemos, ou produzida no tempo em que nós vivemos, é dialogar com a visão de mundo que autores e autoras têm do momento presente. A distopia *1984*, de George Orwell, publicada em 1948, é supercontemporânea. Porém, a presença das redes sociais e a forma como nos relacionamos com ela só é possível de ser lida em um romance escrito por um autor que habita as primeiras décadas do século XXI.

É para estimular a leitura de autores mais atuais e de autores que, muitas vezes, ficam do lado de fora das salas de aula, que elencamos três grandes poetas contemporâneos que vocês precisam conhecer e que tem sua produção centrada na segunda metade do século XX, chegando, em alguns casos, ao início do nosso século XXI.



OS POETAS

PAULO LEMINSKI (1944-1989)

Se vocês nunca leram Paulo Leminski, é importante não perder essa experiência. E, antes de mais nada, que tal experimentar um dos poemas mais conhecidos do autor já agora? Respira fundo e lê:

Isso de querer ser
exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além.

(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)



Conhecido por seus poemas curtos, Paulo Leminski foi um poeta curitibano, um escritor com uma biografia muito interessante. Se ele não foi exatamente aquilo que era, com certeza chegou bem perto.

Leminski morreu aos 44 anos de cirrose hepática, a mesma doença que matou Fernando Pessoa. Aliás, os dois morreram com a mesma idade! Toda a intensidade, a precocidade e a versatilidade da vida de Paulo Leminski fazem sentido quando a gente pensa que sua vida foi tão curta. Se é para morrer jovem, então que a vida seja intensa!

Leminski foi professor de História e de Redação em cursos pré-vestibulares e também foi professor de Judô. Aos 14 anos, viveu um ano em mosteiro em São Paulo, no qual teve a oportunidade de estudar muito. Desde criança, mostrou que seria um homem bastante intelectual e com vastos conhecimentos. Muito cedo, aos 20 anos, estreou na poesia, tendo publicado 5 poemas na revista Invenção, dirigida por Décio Pignatari, um dos ícones da Poesia Concreta – estilo com o qual Leminski se identificou muito no início de sua carreira.

Como a obra de Leminski foi muito influenciada pelos Tropicalistas e pelos Concretistas, seus poemas dançavam pelo espaço da página, misturando elementos da

publicidade às poesias, estabelecendo relações entre poesia e artes visuais. Enfim, as palavras de ordem no trabalho de Leminski eram Liberdade e Criatividade!

Estudioso da cultura japonesa, Leminski foi autor de vários haikais, que são poemas da tradição japonesa que geralmente tem três versos. Como esse aqui:



Vazio agudo
 ando meio
 cheio de tudo

(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

As principais obras do autor são Quarenta Clics em Curitiba (1976), Caprichos e Relaxos (1983), que reúne obras que ele havia publicado independentemente sem vínculo com editoras, e sua última obra é Distraídos Venceremos (1987).

Se vocês se interessaram por esse grande cara, leiam mais de suas poesias e assistam a Ervilha da Poesia, um documentário para a televisão feito em 1985 no qual vemos o poeta praticamente dando uma aula de poesia.

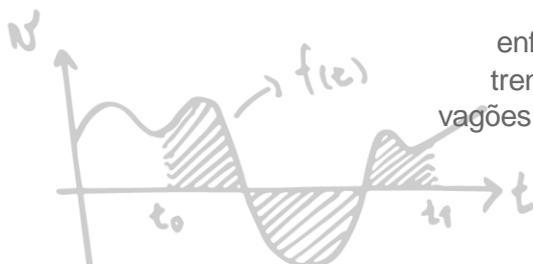
não discuto
 com o destino
 o que pintar
 eu assino.

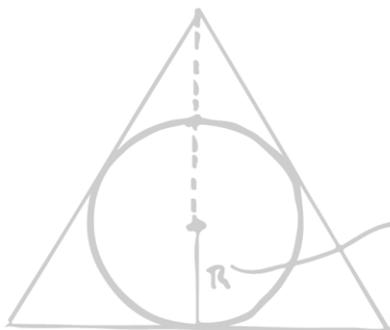
(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

PAUSA PARA A POESIA?

CONTRANARCISO

em mim
 eu vejo o outro
 e outro
 e outro
 enfim dezenas
 trens passando
 vagões cheios de gente
 centenas
 o outro





que há em mim
 é você
 você
 e você

assim como
 eu estou em você
 eu estou nele
 em nós
 e só quando
 estamos em nós
 estamos em paz
 mesmo que estejamos a sós.



(LEMINSKI, Paulo. Toda a poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013)

WALY SALOMÃO (1943-2003)

Waly Salomão foi um poeta baiano nascido em 1943, na cidade de Jequié. Formou-se em Direito pela Universidade Federal da Bahia, mas, muito elétrico para seguir uma profissão só, nunca exerceu o Direito.

E Waly foi muitos, viveu várias vidas na mesma vida!



Waly

Como ele mesmo escreveu em um verso:

“Tenho fome de me tornar em tudo que não sou.”



Além de um grande poeta que produziu maravilhosos poemas, Waly foi produtor cultural, diretor artístico, letrista e atuou como protagonista em um filme sobre o poeta baiano Gregório de Matos Guerra. No fim da vida, chegou a ser funcionário do Ministério da Cultura, como Secretário Nacional do Livro, durante a gestão de Gilberto Gil. Morreu jovem, aos 59 anos, em 2003. Waly escreveu poemas e músicas que foram interpretadas por artistas como O Rappa, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Adriana Calcanhoto.

Estreou na literatura em 1972 com *Me Segura qu'eu vou dar um troço*. O livro foi escrito no período em que o poeta passou na prisão durante a Ditadura Militar.

Tudo o que a gente não pode esperar de Waly Salomão é uma poesia comportada. Seu primeiro livro mistura poesia com texto em prosa, imagens com desenhos, traz letras em negrito e em caixa alta. No segundo livro de Waly, *o Gigolô de Bibelôs*, ele produziu, por exemplo, um poema escrito em forma de peça de teatro, escrito com letras brancas em uma página com fundo negro.

Waly subverteu a poesia; foi, enfim, um poeta rebelde. E não poderia deixar de ser, considerando a época em que viveu. Não só por causa da Ditadura Militar – uma vez que tempos de imposição e autoritarismo geram mais rebeldia entre aqueles que não se conformam –, mas também porque era influenciado pela contracultura, pelo movimento hippie dos anos 60 e pela Poesia Concretista, que, como estudamos, é uma poesia que usa o espaço da folha de maneiras nada convencionais.

Influenciado pelos Modernistas Brasileiros e também pelo movimento Tropicalista, ao qual esteve ligado, a poesia de Waly não era “arrogante”, misturava o erudito e o popular sem colocar a arte em cima de uma torre de marfim inacessível.

Principais Obras

Me segura que eu vou dar um troço (1972)

Gigolô de Bibelôs (1983)

Algaravias (1996)

Pescados Vivos (2004)

PAUSA PARA A POESIA?

PONTOS DE LUZ

Me sinto contente

Me sinto muito contente

Ouso dizer completamente contente.



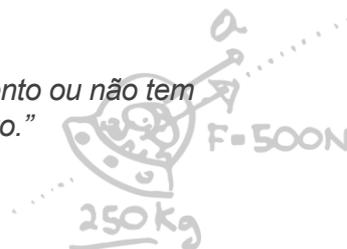
Me arrisco a falar
Me sinto feliz
Me sinto muito feliz
Ouso dizer completamente feliz.
Me sinto completamente
Completamente.

(SALOMÃO, Waly. Poesia Total! São Paulo: Companhia das Letras, 2014)

PARA DEIXAR COM COCEIRA NA CABEÇA!

Em uma entrevista, Waly Salomão disse:

“Arte não tem nada a ver com entendimento ou não tem quase nada a ver com entendimento.”



ANA CRISTINA CÉSAR (1952-1983)

Paulo Leminski e Waly Salomão podem até, de alguma forma, serem considerados poetas um pouco marginais, pois não são conhecidos pelo grande público e não aparecem em muitos manuais e livros didáticos de Literatura, nem são comentados nas escolas por professores mais tradicionais. No entanto, marginal mesmo foi a poetisa Ana Cristina César, invisível à crítica literária, até por ser mulher. E, dentro dessa questão de gênero, cabe lembrar que, para os críticos tradicionais, houve espaço para poucas grandes mulheres escritoras na História da Literatura Brasileira: Clarice Lispector, Cecília Meireles e, em menor escala, Raquel de Queiróz. A História da Literatura Brasileira foi escrita basicamente por homens.



Ana C.

Ana Cristina César ou Ana C., como é conhecida, nasceu no Rio de Janeiro em 1952. Foi poeta, jornalista, tradutora e crítica literária. Formada em Letras pela PUC do Rio de Janeiro, envolveu-se, no meio universitário, com poetas, professores e intelectuais e passou a frequentar grupos de poesia marginal e grupos de combate e questionamento à Ditadura Militar.

Ana C. viveu da Literatura e viveu a Literatura! Mulher sensível, sentia a vida com todos os poros, com intensidade. Os sensíveis geralmente são intensos e, segundo dizem, ela foi uma mulher muito intensa.

Em carta para um amigo escreveu:

“Não sei como poderei pegar no sono. A literatura me perturba. Uma caixa cheia de cartões-postais me perturba. A renúncia me perturba. Até uma caixa d'água, um otorrino gauche, um índice onomástico. Tomo tudo na veia”.

Ana C. escrevia compulsivamente, escrevia como quem respira. Segundo um poeta, amigo da autora, Ana ditava para a mãe o que ela queria escrever mesmo antes de aprender a lidar com a palavra escrita. Com dez anos de idade, já tinha um caderno cheio de poemas.

Tudo o que Ana C. escreveu virou Literatura, virou matéria para Literatura. E esse é um aspecto importante do trabalho da autora. Diversos gêneros compõem o conjunto de sua obra. Poesia, manuscritos, cartas e diários, que hoje são lidos e estudados.

POESIA MARGINAL/GERAÇÃO MIMEÓGRAFO

Para falar de Ana C., precisamos mencionar a **Poesia Marginal** ou a **Geração Mimeógrafo**, que surgiu na década de 70 no Brasil. Geração Mimeógrafo, pois os escritores que aderiram a esse grupo não se utilizavam dos meios tradicionais de circulação de obras, ou seja, não eram publicados por meio de editoras. Esses autores publicavam seus próprios livros, divulgavam e os vendiam, ficando, dessa forma, às margens do sistema editorial. E por que eles faziam isso?

Um dos motivos era o **contexto de repressão** e de **censura** à arte que havia na época da Ditadura Militar. Então, essa atitude era uma forma de escapar da censura.

Ana C. vivenciou essa lógica de trabalho. Seus três primeiros livros – Cenas de Abril, Correspondência Completa e Luvas de Pelica – são edições artesanais feitas pela própria autora.

O seu primeiro livro publicado por uma editora foi A Teus Pés, em 1982.

Ler Ana C. não é tarefa fácil, mas é uma experiência recompensadora. Quando a gente lê os poemas e os textos da autora, quando a gente lê poesia de forma geral, **fica uma importante dica para vocês**: não se preocupem em entender racionalmente tudo, não se preocupem em decodificar, em traduzir tudo, em querer interpretar cada palavra. Lembre-se do que disse Waly Salomão sobre a arte e não sejam demasiado racionais. Apreciem a linguagem, **sintam a linguagem!** As palavras da poesia emitem

sons bonitos mesmo quando a gente não consegue captar tudo que está dito. Quando a gente fala de arte, é mais importante SENTIR do que ENTENDER.

Por fim, Ana Cristina César – essa complexa e misteriosa poeta – nos deixou mais um mistério. Jovem, aos 31 anos, suicidou-se ao se jogar da janela de seu quarto, na casa dos pais, no Rio de Janeiro.



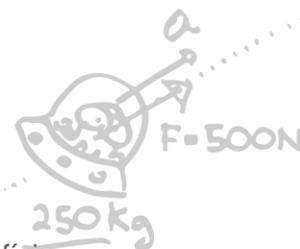
PAUSA PARA A POESIA?

NADA, ESTA ESPUMA

Por afrontamento do desejo
insisto na maldade de escrever
mas não sei se a deusa sobe à superfície
ou apenas me castiga com seus uivos.

Da amurada deste barco
quero tanto os seios da sereia.

(CÉSAR, Ana C. Inéditos e Dispersos. IMS, 1998).



FISIONOMIA

Não é mentira
é outra
a dor que dói
em mim
é um projeto
de passeio
em círculo
um malogro
do objeto
em foco
a intensidade
de luz
de tarde
no jardim
é outra
outra a dor que dói



(CÉSAR, Ana C. A Teus Pés. São Paulo: Companhia das Letras, 2016)



ALGUMAS PALAVRAS SOBRE POESIA

O que é poesia, afinal? Ou ainda, quem tem medo de poesia? Ou, quem não gosta de poesia, mas nunca leu? Ou, quem não gosta de poesia, porque não entende nada do que está lendo? São muitas perguntas, mas o fato é que vocês não podem deixar de ter poesia nas suas vidas, queridos leitores e queridas leitoras, porque, como diz o cantor e compositor Bob Dylan, grande poeta da Literatura estadunidense, **poetry is to inspire**, ou seja, **poesia é para inspirar**. E nós não podemos viver sem inspiração, podemos?

Bob Dylan, aliás, ganhou o Nobel de Literatura de 2016, mostrando ao mundo – que reagiu de diferentes formas à premiação, uma vez que ele não é um escritor – a profunda relação entre música e poesia.

Nos anos 1960, *Blowin' in the Wind* se tornou uma das músicas mais famosas de Bob Dylan, tanto pela beleza da composição, quanto sobre o alerta que o cantor estava fazendo para a nossa civilização.



[Bob Dylan](#)

How many times can a man turn his head and pretend that he just doesn't see?

ou

Quantas vezes pode um homem virar a cabeça e fingir que não enxerga?

Quer dizer, podemos, nós, continuar caminhando, continuar vivendo e fingindo que não enxergamos a desigualdade social, as guerras, a violência, a obsessão por dinheiro que gera tanta desumanidade? Na música-poesia de Dylan, escrita durante o período da Guerra do Vietnam, os metafóricos versos nos fazem pensar sobre isso.

E não nos cabe definir o que é poesia? As definições ficam para os livros didáticos, focados em sua preocupação de enquadrar o mundo em conceitos tão estáticos; as definições ficam para as provas nas quais temos que preencher lacunas para ganhar uma nota; poesia é, como diria o poeta Maiakóvski, uma viagem ao desconhecido.

No poema Limites ao Léu, Paulo Leminski traz uma série de vinte de duas definições do que é poesia a partir da concepção de diferentes autores. Quer dizer, a indomável poesia não se presta a definições e cada poeta, bem como cada leitor, cria o seu próprio conjunto de sentidos. **O que importa é experienciar, e não conceituar!** No entanto, talvez o que um poema que traga tantas diferentes definições nos indique é que poesia é liberdade e é território no qual não há possibilidade de fixar limites ou conceitos. Como diz o próprio Leminski, “A poesia é a liberdade da minha linguagem”.



OS POETAS

FERREIRA GULLAR
(1930-2016)

Ferreira Gullar – poeta maranhense cujo nome verdadeiro era José Ribamar Ferreira – foi um dos poetas mais significativos da Literatura Brasileira do Século XX.

A característica mais importante da poesia de Gullar, aquilo que sempre se destacou em sua obra, foi o **engajamento político** de seus

poemas. Gullar transformou versos em balas de canhão, poesia em instrumento para fazer denúncia social. E denúncia em vários sentidos. Gullar denunciou a **desigualdade social**, criticou o fato de que muitas poesias não tinham espaço para a política e se opôs fortemente, com sua literatura, à **Ditadura Militar**.

Militante do Partido Comunista Brasileiro, forte opositor da Ditadura, homem completamente engajado, Gullar foi um poeta afetado pela História. Ele sentia as dores dos problemas sociais e abordava essa realidade em sua poesia.

A carreira do autor começou nos anos 50. Gullar já entrava no mundo da Literatura explodindo com a sintaxe e com as regras da língua. Seu primeiro livro, chamado A Luta Corporal, foi publicado em 1953. Original, ele antecipou o Movimento Concretista, usando o espaço da folha com liberdade, criando sons que não existiam,



revolucionando e brincando com a linguagem. Enfim, decidi não se dobrar às regras da língua.

Nos anos 60, entretanto, é que ele começa a olhar um outro Brasil, o Brasil da fome, da desigualdade, de má distribuição de terras e, mais tarde, da repressão e da Ditadura.

Exilado por causa do Regime Militar, Ferreira Gullar escreveu, na Argentina, seu livro mais famoso. Escrito em 1975 e publicado no ano seguinte, surge **Poema Sujo**, produzido quando o poeta temia pela sua própria vida e, como ele mesmo disse em uma entrevista, seu pensamento foi: “enquanto é tempo eu vou dizer o que me resta dizer”.

Poema Sujo é um **poema protesto**, testemunho de uma situação política e social de violação de direitos humanos, de torturas, de censuras, e de, enfim, inexistência de democracia. Poema Sujo é uma excelente análise da política brasileira da época em versos. O livro é escrito num jorro descontrolado de prosa, sem pontuação, que mostra toda a raiva e a angústia de um escritor sensível às injustiças.

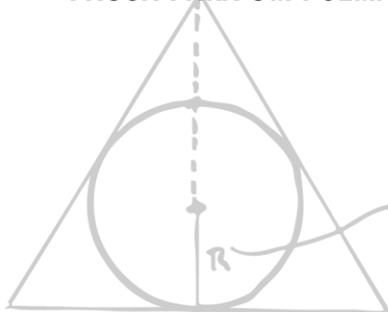
Trecho de Poema Sujo:

Ah, minha cidade suja
de muita dor em voz baixa
de vergonhas que a família abafa
em suas gavetas mais fundas
de vestidos desbotados
de camisas mal cerzidas
de tanta gente humilhada
comendo pouco
mas ainda assim bordando de flores
suas toalhas de mesa
suas toalhas de centro
de mesa com jarros
- na tarde
durante a tarde
durante a vida -
cheios de flores
de papel crepom
já empoeiradas.

(GULLAR, Ferreira. Poema Sujo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016)



PAUSA PARA UM POEMA?



Não há vagas

O preço do feijão
 não cabe no poema. O preço
 do arroz
 não cabe no poema.
 Não cabem no poema o gás
 a luz o telefone
 a sonegação
 do leite
 da carne
 do açúcar
 do pão

O funcionário público
 não cabe no poema
 com seu salário de fome
 sua vida fechada
 em arquivos.

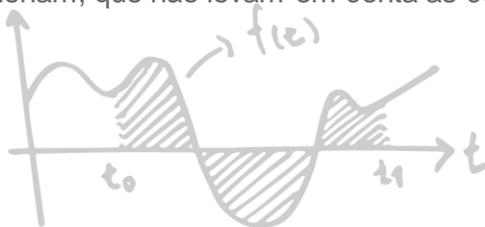
Como não cabe no poema
 o operário
 que esmerila seu dia de aço
 e carvão
 nas oficinas escuras
 – porque o poema, senhores,
 está fechado:

“não há vagas”

Só cabe no poema
 o homem sem estômago
 a mulher de nuvens
 a fruta sem preço
 O poema, senhores,
 não fede
 nem cheira.



Esse poema aborda, pelo menos, duas questões. O fato de que existem pessoas que ganham um salário indigno e que isso é permitido por nossa estrutura social; e, em segundo lugar, critica poemas que não fedem nem cheiram, poemas que não se posicionam, que não levam em conta as contradições sociais.



ESTABELECENDO RELAÇÕES

Levando em conta a possibilidade de se fazer crítica social com poesia e pensando no poeta como alguém que se importa com o social, leia, abaixo, a letra da música Cartão de Visita, do cantor Criolo, e pense sobre o teor social dessa letra. Como essa canção poderia ser, a exemplo da obra de Ferreira Gullar, pensada como canção-protesto? Quais são os temas levantados?

Cartão de Visita

(Criolo e Tulipa Raiz)

Acende o incenso de mirra francesa
 Algodão fio 600, toalha de mesa
 Elegância no trato é o bolo da cereja
 Guardanapos gold agradável surpresa
 Pra se sentir bem com seus convidados
 Carros importados garantindo translados
 Blindados, seguranças fardados
 De terno Armani, Loubotin sapatos
 Temos de galão Dom Pérignon
 Veuve Clicquot pra lavar suas mãos

E pra seu cachorro de estimação
 Garantimos um potinho com pouco de Chandon
 Mc Lon ta portanto o vip
 Tássia tem um blog de fina estirpe
 Pra dar um clima cool te ofereço de brinde
 Imãs de geladeira com Sartre e Nietzsche
 Glitter, glamour, la maison criolê
 O sistema exige perfil de tv
 Desculpa se não me apresentei a você
 Esse é meu cartão, trabalho no buffet

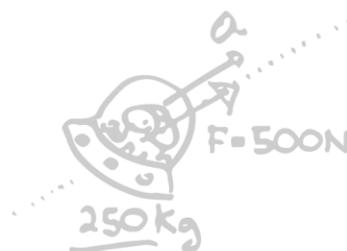
Acha que tá na mão, tá bom, tá uma festa
 Menino no farol cê humilha e detesta
 Acha que tá bom, né não, nem te afeta
 Parcela no cartão essa gente indigesta
 (Nem tudo que brilha é relíquia, nem jóia)

Governo estimula e o consumo acontece
 Mamãe de todo mal a ignorância só cresce
 Fgv me ajude nessa prece
 O salário mínimo com base no dieese



Em frente a shoppins, marcar rolêzins,
 Debater sobre cotas, copas e afins
 O opressor é omissor e o sistema é cupim

E se eu não existo, por que cobras de mim?
 O mamão papaia é cassis
 Rum com sorvete de bis
 Patrício gosta e quem não quer ser feliz?
 Pra garantir o padê dão até o edi
 Era tudo mentira, sonhei pra valer
 Com você, eu ali, nós dois, cê vê tê
 A alma flutua à leite, a criança quer beber
 Lázaro, alguém nos ajude a entender.



HILDA HILST (1930-2004)

Hilda Hilst foi uma das mulheres mais intrigantes da Literatura Brasileira. Dedicou toda a sua existência à escrita, porém nunca teve grande reconhecimento de público, talvez pela dificuldade que muitos leitores tinham em acessar seus textos, considerados difíceis.



[Hilda Hilst](#)

Hoje, entretanto, as palavras de Hilda parecem agradar aos mais jovens, pois dentre os quase 15 mil seguidores de sua página no Facebook, metade deles tem entre 15 e 24 anos, segundo Daniel Fuentes, herdeiro dos direitos da obra da poeta.

Conhecida por ser possuidora de uma beleza hipnotizante durante a juventude, Hilda Hilst nasceu em Campinas em 1930 e morreu em 2004.

Formada em Direito, após ler o livro Vida e Proezas de Aléxis Zorbás do escritor grego Nikos Kazantzákis, ela optou por uma vida reclusa e, em 1964, passou a viver na fazenda de sua mãe, enquanto mandava construir uma casa para si nas redondezas. Em 1966 ficava pronta a **Casa do Sol**, ambiente construído para ser um lugar inspirador, um lugar para escrever e para viver, para vivenciar a escrita.

Nem tudo, é claro, são flores. Na existência de ninguém, aliás, existe apenas tranquilidade e alegria. O pai de Hilda, após um evento trágico, sofria de transtornos mentais e viveu grande parte da vida condenado à loucura. Com a sua morte, a autora herdou o dinheiro necessário para construir a Casa do Sol. No entanto, tanto a loucura quanto a morte do pai foram um fantasma na vida de Hilda.

Hilda habitou a Casa do Sol até o fim de seus dias. E lá recebeu e hospedou, dentre outros diversos artistas, Caio Fernando Abreu quando ele foi perseguido pela Ditadura Militar.

Poeta, romancista, contista e dramaturga, Hilda Hilst foi uma escritora fervorosa com mais de 40 livros publicados. Na verdade, ela não se limitou a apenas um gênero e teve o sucesso de realizar uma grande obra em cada um dos gêneros a que se propôs a escrever. O conto, a poesia, o teatro e o romance.

Seu primeiro livro, no entanto, é de poemas. Presságio, datado de 1950, quando a autora tinha apenas 20 anos, foi um texto bastante elogiado pela poeta Cecília Meireles.

Mulher de palavras corajosas e de comportamento transgressor para a época, Hilda escreveu sem medo sobre sexo em suas polêmicas poesias eróticas. Nos anos 80, disposta a conquistar a atenção do grande público, Hilda mudou sua forma de escrever. Aí começam as poesias sobre sexo, que nem assim atingiram tantos leitores quanto ela esperava. A obra de Hilda é mais conhecida e respeitada no exterior do que no Brasil. Como ela mesma dizia, “as pessoas cagam pros poetas”.

PAUSA PARA UM POEMA?

Poemas aos Homens do nosso tempo

Amada vida, minha morte demora.

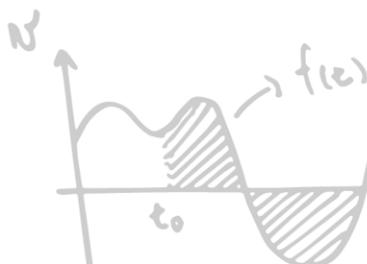
Dizer que coisa ao homem,
Propor que viagem? Reis, ministros

E todos vós, políticos,
Que palavra além de ouro e treva

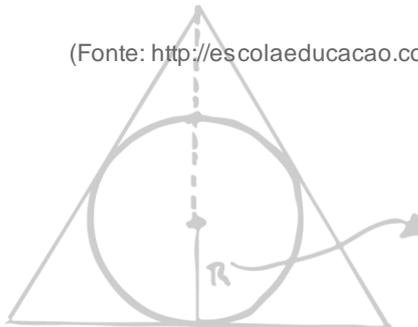
Fica em vossos ouvidos?
Além de vossa RAPACIDADE

O que sabeis
Da alma dos homens?
Ouro, conquista, lucro, logro

E os nossos ossos
E o sangue das gentes
E a vida dos homens
Entre os vossos dentes.

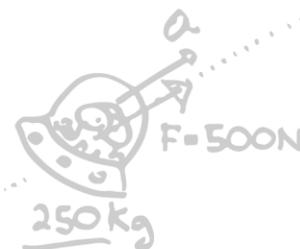


(Fonte: <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-hilda-hilst/>)



Lobos? São muitos.

Mas tu podes ainda
 A palavra na língua
 Aquietá-los.
 Mortos? O mundo.
 Mas podes acordá-lo
 Sortilégio de vida
 Na palavra escrita.
 Lúcidos? São poucos.
 Mas se farão milhares
 Se à lucidez dos poucos
 Te juntares.
 Raros? Teus preclaros amigos.
 E tu mesmo, raro.
 Se nas coisas que digo
 Acreditares.

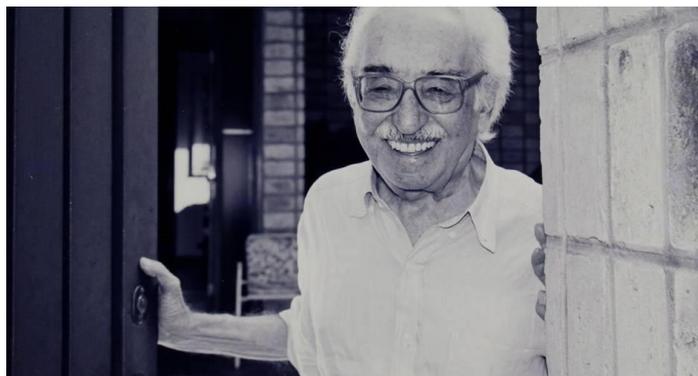


(Fonte: <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-hilda-hilst/>)

MANOEL DE BARROS (1916-2014)

Poema é lugar onde a gente pode afirmar que o delírio é uma sensatez.

Manoel de Barros



Manoel de Barros é o poeta do nada, é o poeta do ócio, é o poeta rebelde mais doce que houve, pois ele escrevia com a doçura e com a ingenuidade de uma criança. Sem querer ser raivoso contra um sistema que nos reduz a acreditar que precisamos preencher todo o nosso tempo somente com aquilo que é “útil”, que serve ao trabalho, ao dinheiro e ao status, Manoel escrevia com leveza. Leveza que em uma sociedade de tanta luta para conquistar o material é, por si só, revolucionária. Leveza por achar mais importante o bater de asas de uma borboleta do que o ouro.



Manoel de Barros foi um poeta nascido em Cuiabá em 1916. Ele morreu, recentemente, em 2014.

O poeta, que viveu quase um século, contou em uma entrevista que nunca parou em emprego nenhum, achava tudo chato, até que um dia conseguiu que sua fazenda rendesse e, a partir desse momento, pode virar um vagabundo profissional. Segundo o autor, **ele comprou o ócio para ficar à disposição da poesia**, esse terreno mágico no qual as coisas não são tão certinhas, tão quadradas, tão cinzas.

Dizia ele que: **Poesia é voar fora da asa.**

A primeira obra do poeta, datada de 1937, chamava-se Poemas Concebidos Sem Pecado. Eram poemas dentro da lógica do Modernismo Brasileiro. Manoel escreveu por muito tempo! De 1937 até a segunda década do século XX, dedicou-se à poesia, e aí podemos imaginar como a obra do autor foi se transformando nessas décadas.

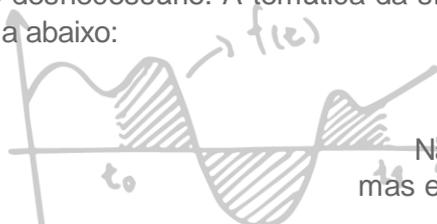
Nos anos 40, Manoel passou dez anos no Pantanal e, durante esse período, sua poesia começou a abordar a natureza. Essa temática acompanhou o poeta por toda a vida. Esse contato com a natureza é profundo e aparece na poesia do autor de um jeito lindo, de alguém que realmente sente a natureza.

Das muitas questões que poderíamos falar a partir da obra de Manoel de Barros, uma das mais essenciais tem a ver com o que podemos aprender sobre como é desoriginal olhar o mundo de forma quadrada. A poesia de Manoel de Barros nos ensinar que precisamos olhar para tudo de um jeito “maluco”, sem fronteiras.

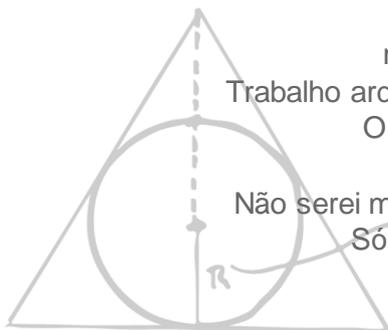
**As coisas não querem ser vistas por pessoas razoáveis:
Elas desejam ser olhadas de azul -
Que nem uma criança que você olha de ave.**

Então, não sejamos razoáveis, não sejamos previsíveis, vamos olhar para as nuvens e ver dinossauros! Esse poema encontra-se em um dos livros mais famosos do autor, O Livro das Ignorâncias, de 1993.

Um dos principais temas de sua obra **é a busca pela simplicidade e a oposição ao excesso, ao “esplendor”**. Em uma sociedade tão egocêntrica, na qual o brilho, a pompa, o excesso, a fama, o sucesso e a riqueza material são bens pelos quais as pessoas dão o sangue, temos um poeta que é um vagabundo profissional e que prefere as formigas ao luxo. O poeta está fora da lógica do brilho. Ele não tem esplendor. Ele é mais ferrugem do que fulgor. Em uma sociedade tão obcecada com o que é útil, com o que é palpável, com o que é quantificável, o poeta trabalha arduamente para fazer o que é desnecessário. A temática da simplicidade está muito bem representada neste poema abaixo:



Não é por me gavar
mas eu não tenho esplendor



Sou referente pra ferrugem
 mais do que referente pra fulgor
 Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário
 O que presta não tem confirmação
 o que não presta, tem.
 Não serei mais um pobre-diabo que sofre de nobrezas
 Só as coisas rasteiras me celestam.
 Eu tenho cacoete pra vadio
 As violetas me imensam.

Observem que o poeta afirma que não sofre de nobrezas. As violetas – essa coisa simples e bela da natureza – é que guardam o que ele mais precisa. Temos aí a oposição entre o luxuoso e o simples, e quase sempre esse “simples”, na poesia de Manoel de Barros, é metaforizado por elementos da natureza.

Esse poema lindo está no Livro sobre Nada, de 1996, e é importante saber que, dentro da obra de Manoel de Barros, **o nada é tudo**.

Ler Manoel de Barros pode ser bem transformador!

meSalva!

